

Trocas intelectuais em curso: o método de cooperação

Silvana Corbellini¹

INTRODUÇÃO

Diante da amplitude e da importância do tema do uso das tecnologias na área da educação e afins, surgiu a proposta do Curso de Especialização em Psicopedagogia e Tecnologias da Informação e Comunicação na modalidade a distância. Este curso foi realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ocorreu no período de 01 de abril de 2013 a 01 de abril de 2015. O presente estudo foi realizado na primeira edição do curso – um curso pago que teve como diferencial em relação a outros cursos o número de participantes, 50 alunos, com diversos níveis de formação (graduação, especialização, mestrado e doutorado). A faixa etária variava entre 22 e 64 anos, a maioria era do gênero feminino e moradores de Porto Alegre ou cidades vizinhas. Havia uma aluna de outro Estado. Faziam parte do universo oito docentes, que foram responsáveis por ministrar as nove disciplinas que constituíram a grade curricular do curso e por orientar os trabalhos de monografias.

O objetivo do curso era oferecer aos profissionais relacionados com a área da educação a possibilidade de construção de competências para o desenvolvimento de um trabalho psicopedagógico, usando as tecnologias digitais como recurso, com ênfase no ambiente escolar.

Para abarcar a multiplicidade de fatores que envolvem o processo de um

¹ Professora do Curso de Psicopedagogia e Tecnologias da Informação e Comunicação na modalidade a distância (UFRGS). Doutora em Educação. E-mail: silvanacorbellini@gmail.com.

curso de especialização, atenta-se para seus componentes: corpo docente, tutores, alunos, escolhas dos conteúdos, uso das tecnologias, design do curso, interação entre os participantes, práticas pedagógicas, entre outros. A partir de diversos olhares dos profissionais envolvidos, realizou-se um cuidadoso planejamento de todas as atividades desenvolvidas.

Investigar esses aspectos mostra-se fundamental para o processo de construção de conhecimento. O estudo das práticas utilizadas no curso e o método de cooperação são aspectos que podem auxiliar no desenvolvimento de um curso mais dinâmico, interativo, visando a desenvolver maior autonomia entre os discentes (CORBELLINI, 2015). De acordo com André (1992), investigar as práticas de bons professores permite que se desloque o foco de atenção do fracasso para o sucesso. Aponta a autora que as práticas de sucesso são aquelas advindas das experiências realizadas pelos docentes e que têm tido efeitos positivos nos processos de ensino e de aprendizagem. Assim, considera-se que as práticas propostas pelos docentes são instrumentos profícuos que irão possibilitar ou não a interação entre os discentes e as suas consequências, como melhoria da aprendizagem, a autonomia do sujeito, o respeito mútuo, entre outros. A ocorrência da cooperação é um dos objetivos a que nos propomos no curso, e o alcance deste objetivo torna a prática bem-sucedida em maior ou menor grau. O estudo destas práticas permite a abrangência da compreensão sobre o método de cooperação e, quiçá, a sua aplicabilidade a outros ambientes.

Neste sentido, importa também situar a concepção epistemológica da qual partimos, pois esta acarreta implicações paradigmáticas que irão possibilitar ou não a aplicação do método da cooperação nos processos de ensino e de aprendizagem. No Empirismo, o docente é visto como aquele que detém todo o conhecimento e também como aquele que tem o poder de transmiti-lo; no Apriorismo, o sujeito já possui *a priori* as possibilidades de adquirir o conhecimento, e o docente precisa “despertá-lo”. Para Piaget, no Construtivismo o conhecimento é o resultado da interação sujeito-objeto. É através das suas ações que o sujeito extrai informações sobre seu ambiente, assimilando e acomodando as estruturas cognitivas do sujeito (BECKER, 2001).

Hoje, estamos (re)aprendendo a aprender e (re)aprendendo a ensinar, principalmente pela integração das tecnologias na sociedade e nos processos de ensino e de aprendizagem. Com isso, requer-se que docente e discente alterem seus papéis e considerem outras formas de aprender e de ensinar, em todos os contextos e permanentemente, ou seja, aprender a aprender. Assim, para refletir sobre essas questões, apoiamo-nos na teoria de Piaget (1973), que diz que a aprendizagem cooperativa é a forma de aprender a aprender por meio de atividades (ações e operações) – interações sejam estas com objetos físicos e culturais, individuais ou coletivas.

Desta forma, ao refletir sobre a aprendizagem, observa-se que a modificação, quase que instantânea, dos conhecimentos na sociedade atual exige uma constante aprendizagem individual e social, e as tecnologias são instrumentos profícuos para esse processo. As tecnologias, as informações disponibilizadas em rede e o componente social da internet propiciam novas formas de se adquirir informações e trazem consigo diversas questões, como a validade dos conhecimentos, as relações entre aprendentes e ensinantes, a construção dos conhecimentos, entre outras.

Outro ponto que se destaca é o fato de que é necessário aprender a aproveitar o potencial que a internet propicia, buscando um equilíbrio entre a rapidez e a quantidade de informações com o tempo de construção do conhecimento. Nesse sentido, o papel do psicopedagogo torna-se também fonte de reflexão, pois este profissional atua em diversos espaços, incluindo-se os espaços virtuais, de forma preventiva ou terapêutica, visando a compreender os processos das aprendizagens, utilizando estratégias para resolução de problemas (BOSSA, 2000). E, na sociedade do conhecimento, as tecnologias ajudam a compor este cenário.

A contribuição deste trabalho vem no sentido de apontar para o método de cooperação, de acordo com a teoria piagetiana, como um caminho que permite ultrapassar algumas das dificuldades que surgem nas novas demandas nos processos de ensino e de aprendizagem, como aprender a aprender, maior interação, mais autonomia, entre outros. Busca-se, assim, compreender os pro-

cessos que participaram da ocorrência do método de cooperação neste curso de especialização.

O MÉTODO DE COOPERAÇÃO

O estudo do método da cooperação é realizado a partir da Epistemologia Genética. Piaget dedicou parte de sua obra ao estudo da cooperação, principalmente nos seus Estudos Sociológicos (1973). Para o autor, a cooperação é um acordo (explícito ou implícito) entre as partes, de uma forma clara e em que todos ganham, sendo o melhor caminho para o desenvolvimento da autonomia intelectual e moral. É um tipo de interação em que é necessário que os valores trocados estejam em equilíbrio, em que não haja opressão, coerção, abuso do outro. Nas palavras de Piaget:

É onde a cooperação implica um sistema de normas, diferindo da suposta livre troca cuja liberdade se torna ilusória pela ausência de tais normas. E é porque a verdadeira cooperação é tão frágil e tão rara no estado social dividido entre os interesses e as submissões, assim como a razão permanece tão frágil e tão rara em relação às ilusões subjetivas e ao peso das tradições (PIAGET, 1973, p. 111).

Piaget (1998) traz a cooperação como uma superação das relações heterônomas, mas sem que sejam substituídas totalmente. Além disso, trata a cooperação como um assunto, tanto moral como intelectual. Enfatiza o “método da cooperação” comparando-o a uma atitude científica, a qual requer a descentração do ponto de vista do sujeito para conhecer os demais e coordená-los; mas alerta para a manutenção do ponto de vista próprio, como uma garantia de se manter próximo ao real, uma vez que este é particular. Montangero e Maurice-Naville (1998) explicam que a noção de descentração dá conta da direção do desenvolvimento cognitivo. A princípio, a atividade cognitiva encontra-se submetida à ação própria e ao ponto de vista imediato, sendo que, posteriormente, se libera de forma progressiva de seus limites, o que ocorre devido à descentração, processo fundamental do desenvolvimento cognitivo.

O “método da cooperação” é mencionado como “lógica das relações”, sendo esta lógica produto deste método. Piaget explica o “método da cooperação” como um instrumento da cooperação e apresenta três condições para que se efetive: (1) desfazer-se do egocentrismo intelectual e moral; (2) libertar-se das coerções sociais; e (3) operar no método da reciprocidade.

Camargo e Becker (2012) caracterizam o “método da cooperação” por meio de duas tendências: a de aceitar o real como parece ao sujeito e a de corrigir o real. É necessária a coordenação das diferentes perspectivas, compreendendo que o ponto de vista próprio é apenas mais um possível entre os demais e que não pode ser visto como absoluto e nem pode ser renunciado por completo, mas deve ser relacionado aos demais na busca da manutenção da lógica. Salientamos que uma proposição não pode ser ignorada, deve ser considerada a cada nova fundamentação de novas proposições: é a lógica da reciprocidade ou a “lógica das relações”. Essa lógica consiste em corrigir e superar o ponto de vista imediato, para situá-lo num sistema de conjunto capaz de coordenar esta perspectiva particular com um número crescente de visões diferentes (PIAGET, 1998).

O aprender a aprender requer que as interações sejam baseadas em regras e em respeito mútuo entre todos que fazem parte do coletivo de aprendizagem e que interagem para estabelecer trocas, como as operações do tipo correspondência, complementaridade e/ou reciprocidade. Então, a cooperação é o conjunto de interações entre os indivíduos que desejam alcançar o mesmo objetivo.

Frisamos que, para Piaget (1973), a cooperação tem um importante papel na função social: conduz à autonomia, não somente a cognitiva, como também a moral. O produto da cooperação advindo desse método é a “autonomia” e compreende o respeito mútuo, que é o ponto de partida da cooperação. A cooperação é uma construção, não é inata, e requer a superação do egocentrismo, ou seja, requer que o sujeito supere sua lógica individual. Cooperar – operar com – é o estabelecimento de trocas equilibradas entre os sujeitos. Implica a existência de espaço para que as trocas ocorram, de forma que cada um consiga dispor seus pontos de vista, alternar posições, argumentar e contra-argumentar ideias, isto é, descentrar-se, saindo de “si mesmo” (PIAGET, 1973).

Com base nos pressupostos apresentados, nossas questões são: Como instituir o “método de cooperação”? Como propiciar trocas intelectuais no curso? Dessa forma, ao iniciarmos a primeira edição do curso, essas questões já faziam parte do planejamento e continuaram fazendo parte do planejamento da segunda edição. Diversas práticas foram planejadas e implantadas visando a proporcionar oportunidades de trocas intelectuais entre os participantes, tais como o Espaço Integrador, que foi uma proposta de integrar aspectos gerais do curso, como apresentação, cronograma, organização na EAD, entre outros. Outro é o Fórum do _/@ (Fórum do Cafezinho), que é um espaço para socializações (REAL e CORBELLINI, 2008), um Fórum de Dúvidas, lugar no qual os discentes podem postar suas dúvidas de forma geral (sobre a organização, sobre os prazos, sobre os materiais, etc.). No Espaço das Comunidades de Escrita, procurou-se constituir um espaço coletivo, onde todos os integrantes do curso tivessem acesso à pesquisa dos colegas e pudessem cooperar entre si. Com isso, buscou-se estimular a prática de pesquisa cooperativa. Estruturou-se este tópico ao final do curso, para o período das monografias. Em cada disciplina, foram promovidas atividades que tivessem uma proposta interativa.

Assim, ao se procurar trabalhar com o conceito de cooperação como um dos alicerces da educação na modalidade a distância, buscou-se, coerentemente com a teoria piagetiana, criar espaços para que ocorressem trocas entre pares, descentrações e construção de conhecimento. Lemos (2002) afirma ser o ciberespaço um espaço de reunião de pessoas de todo o mundo, de comunhão; Campos et al. (2003) falam sobre a possibilidade de ampliação da comunicação na rede e condições potencializadas de aprendizagens cooperativas na EaD; Parente (2004) também refere a utilização da internet e suas possibilidades cooperativas, entre outros. Reflete-se que as tecnologias, neste universo, possam servir de apoio para uma maior interatividade entre os sujeitos do curso, auxiliando a promover uma maior cooperação.

Destaca-se como essencial a existência de um “espaço” que possibilite a

ocorrência da cooperação intelectual. Esse espaço deve ser continente suficiente para abarcar o que os integrantes trazem como contribuições, bem como contingente no sentido de poder suportá-las e encaminhá-las, pontuando diferenças, acréscimos de pontos de vista, conflitos, novos argumentos, enfim, que possibilite movimentos baseados no respeito mútuo e em relações de cooperação intelectual e de construção de conhecimentos.

COOPERANDO A DISTÂNCIA

No curso, investigou-se como ocorrem as trocas intelectuais entre os sujeitos, como se constituem e como são construídas, procurando-se, primeiramente, identificar “observáveis” que contribuísem para a ocorrência da cooperação.

Observáveis são “aquilo que a experiência permite constatar por uma leitura imediata dos fatos por si mesmo evidentes” (PIAGET, 1976, p. 46). Podemos mencionar, como exemplo, a existência de um código, neste caso, a língua portuguesa, que é compartilhado por todos, com um sistema de noções definidas, sendo que as definições podem convergir inteiramente ou divergir parcialmente, mas requer que os sujeitos tenham uma mesma chave que lhes permita traduzir as noções de um dos sujeitos no sistema do outro. Para Piaget, os observáveis são definidos por meio daquilo que o sujeito crê constatar e não apenas daquilo que é constatável.

Buscaram-se observáveis de cooperação durante o curso, mapeando-se atividades desenvolvidas. Dentre estas, elegeram-se três fóruns, de três disciplinas diferentes e de três momentos distintos (início, meio e fim do curso) para o estudo aprofundado da ocorrência do método de cooperação. O Fórum é uma atividade para discussão assíncrona que permite a interatividade entre os usuários (docentes, discentes, tutores, monitores) sobre algum tema determinado.

Neste sentido, visamos a identificar observáveis que serviram como indi-

cadres para verificar a existência de cooperação. Alguns dos observáveis que podem servir de norteadores para o planejamento de disciplinas na modalidade a distância, visando a fomentar a cooperação, que conseguimos elencar, são: reconhecimento do corpus teórico do curso; normas do curso valorizadas pelo grupo; adequação à proposta; domínio instrumental do uso das TICs; objetivo comum dos integrantes em terminar o curso; responsabilidade com os processos de ensino e de aprendizagem de cada um e do todo; responsabilidade com os procedimentos, conteúdos e prazos; observância dos acordos realizados; referência à existência de obrigações mútuas e respeito mútuo; nível de satisfação e/ou insatisfação nas trocas intelectuais; atividades realizadas em grupo, postura pedagógica dos docentes como orientadores; compartilhamento de experiências pessoais e profissionais, entre outros.

Com este mapeamento, conseguimos visualizar elementos que se constituíram nas trocas intelectuais entre os discentes nos distintos tempos do curso. No momento inicial do curso, destaca-se a determinação de conceitos comuns, a definição do papel do psicopedagogo que está em formação no curso, as práticas inerentes a essa profissionalização, busca de maior clareza dos termos científicos, entendimento da concepção epistemológica de cada sujeito, entre outros. Segue, como exemplo, postagem realizada por uma aluna em um fórum que ocorreu no início do curso.

Após ler, ver e analisar as entrevistas e vídeos de Alícia Fernandes, e comparar com as minhas experiências tanto como aluna como docente, percebi o quanto tenho a refletir e a estudar sobre a psicopedagogia e sua utilização em favor das aprendizagens dos alunos [...]. Como disse anteriormente, tenho muito a aprender sobre conceitos e teorias acerca da psicopedagogia.

No percurso da especialização, outros elementos foram sendo salientados através das trocas, como a necessidade do reconhecimento do que foi acordado entre os sujeitos, impedindo contradições e permitindo a continuidade das trocas intelectuais. Assim, o cumprimento dos acordos é visto como inerente ao

processo. No exemplo a seguir, retirado de um fórum que ocorreu na metade do curso, uma aluna, frente às afirmações de outra colega sobre pontos que haviam sido combinados para a realização do trabalho, retoma seu raciocínio, completando sua atividade.

DI 47, lendo o teu trabalho, me dei conta que não coloquei na minha reflexão sobre Projetos de Aprendizagem a formação de grupos. E este é um dos aspectos fundamentais deste trabalho.

Ao final do curso, destaca-se a reciprocidade entre os sujeitos de forma mais cuidadosa, com a existência de obrigações recíprocas e o reconhecimento do respeito mútuo. As trocas apresentam contribuições e coordenações de pontos de vista, conduzindo a uma qualidade na aprendizagem, no que tange a relacionar as práticas e as teorias estudadas ao longo do curso.

Partiu-se dos seguintes observáveis: o egocentrismo intelectual nas interações – quando o sujeito não se coloca em posição de reciprocidade, não abandona o seu próprio ponto de vista, para se colocar em relação com o outro, coordenando os diversos pontos de vista possíveis –; a presença de respeito mútuo – quando os sujeitos se atribuem, reciprocamente, um valor pessoal nas interações –; a capacidade de descentrar dos sujeitos; e as condições de estabelecerem coordenação de pontos de vista, entre outros. A reciprocidade nas relações é exemplificada a partir de um excerto de diálogo entre duas alunas.

Os vídeos remeteram-me às crianças, às práticas escolares, refleti muito sobre o meu planeamento diário. Alicia Fernandez é uma autora que li quase nada, apenas reportagens de revistas um e outro artigo. Vejo-me agora com necessidade de buscar saber a obra de Alicia e efetivamente seu foco de estudo. [...] Os alunos estão em processo, desenvolvendo capacidades e nesta hora pensei no meu planeamento para o 3º ano. Que atividades e propostas estou lançando aos meus alunos? Estou trabalhando na perspectiva da alegria que promove o desejo de mudança? Às vezes, acho que sim, às vezes, certos conteúdos precisam muito de um reforço da memória, e para eles é chato. Mas como fazer diferente? Mas mover para Alegria será meu foco mobilizando em força oposta a indiferença. É preciso tirar alguns [alunos] deste lugar da Indiferença. Disto estou certa!!

Assim como você, ao ler Alicia Fernandez, pensei primeiro em aprofundar minhas ideias sobre sua obra, mas, de imediato, passei a pensar no planeamento. Concordo contigo quando dizes que alguns conteúdos precisam de reforços e, às vezes, parece-me que se tornam chatos para as crianças. Eu tenho uma turma de 5º ano e com eles não é diferente. Embora sempre tenha tentado variar as atividades e propostas, algumas coisas precisam ser reforçadas de alguma maneira. Lembrarei do teu comentário e das palavras de Alicia Fernandez ao preparar as aulas daqui para a frente, tendo como foco a alegria e também a mobilização das crianças para o espírito investigador e criativo. Um abraço.

Desta forma, pode-se concluir que estes observáveis apontam para uma construção do método de cooperação durante o curso, cada qual cumprindo com aspectos pertinentes ao momento em que estão situados. Ou seja, no momento inicial do curso, há a necessidade de uma constituição de grupo, de um sentimento de pertencimento ao grupo, de identidade, construção de valores comuns que sustentem essa identidade. Para corroborar esses achados, citam-se exemplos de postagens de alunos em fórum realizado no início do curso.

Logo vi, sim, muitos termos diferentes e inovadores, como hiperpassividade na sua relação com hiperatividade, onde se trata sobre a passividade dos alunos, na qual também devemos estar de olho, pois isso também pode dificultar os processos de aprendizagem dos alunos. (Aluna C)

Retomar os estudos com Alicia Fernandez sempre é enriquecedor para nosso fazer pedagógico e para irmos refletindo sobre o papel do psicopedagogo no contexto atual. (Aluna D)

Nestes exemplos, situa-se a valorização da construção de uma linguagem comum ao curso. Os participantes buscam alcançar precisão e rigor nas conceituações científicas que estão sendo estudadas. Precisa ocorrer a elaboração de equivalência no entendimento dos conceitos e a aceitação dos pressupostos necessários ao curso. Também se observa a construção de uma identidade do papel do psicopedagogo na sociedade contemporânea.

No segundo momento, estes observáveis aparecem mais no sentido de manter-se o *status quo*, isto é, torna-se necessário zelar pela preservação dos valores, dos acordos realizados, de forma que as trocas se tornem possíveis. No terceiro momento, os observáveis situam-se através da capacidade de estabelecer relações recíprocas; uma vez que os valores firmados se encontram acordados e são atualizados, pode-se trocar sem perder a sua própria singularidade dentro do grupo. Ou seja, cada qual pode colocar-se nas relações, descentrar-se, argumentar e construir novos conhecimentos, sem perder o seu próprio ponto de vista. Os exemplos seguintes mostram cobranças realizadas entre os participantes, visando à clareza de conceitos e à manutenção de acordos firmados.

Não deixaste claro o que entendes por “muito por cima” ou “muito por baixo”. Eu entendo que [...]. Participações que não alcançam argumentações lógicas ou consistentes com os conceitos e autores estudados. Gostaria que esclarecesses isto. (Aluna E)

Ainda não tinha lido a entrevista 3. Agora, encontrei a resposta para a minha dúvida. [...]. O relato da Prof. X sobre o “gênero” na aprendizagem, entendi que há uma diferença entre os meninos e as meninas no momento de aprender. Seria isto? Meninos com mais facilidade em algumas coisas e dificuldades em outras e as meninas o oposto? Neste ponto tentarei me aprofundar mais ou pedir a Prof. X que coloque mais algumas explicações. Fiz esta postagem para me justificar. (Aluna F)

Pode-se observar a conservação de acordos citada como um fator importante nas trocas entre os participantes. A partir do momento em que, coordenados em uma mesma perspectiva de pontos de vista, da qual são coautores, os sujeitos requerem que as normas sejam cumpridas por todos.

Piaget (1998) aponta para a lógica da reciprocidade, ou lógica das relações, dizendo que esta consiste em “[...] corrigir e superar o ponto de vista imediato, para situá-lo num sistema de conjunto capaz de coordenar essa perspectiva particular com um número crescente de visões diferentes” (p. 80-81).

Assim, julga-se, ao analisar o curso a partir de três momentos, em seu início, na metade e no final, que as trocas intelectuais são uma construção realizada pelos sujeitos no processo. E, em consonância com a teoria piagetiana, observa-se que os sujeitos, ao se engendram nos atos comunicativos, precisam coordenar os diversos pontos de vista, atentando para que seu próprio ponto de vista seja um dos possíveis entre o grupo e relacionando o seu próprio ponto de vista com o dos demais. O sujeito precisa desfazer-se de seu egocentrismo através da lógica da reciprocidade, corrigindo e superando o ponto de

vista inicial através da coordenação dos pontos de vista dos colegas. É necessário que cada um situe o seu universo dentre os outros: individual e social. O método da reciprocidade, assim, consiste em uma adaptação ao mundo social e equivale ao método de coordenação do ponto de vista científico.

Os exemplos seguintes mostram relatos de alun@s que apontam para aprendizagens a partir das trocas entre colegas. Destacam-se as descentrações que implicam condições para que os sujeitos se desloquem de seus pensamentos egocêntricos, comparando-os com os dos colegas, incluindo o ponto de vista singular, no coletivo, contemplando, assim, relações de reciprocidade.

Tenho que agradecer à colega DI 44, pois seu texto me auxiliou muito na compreensão de todos os vídeos e entrevistas. A descrição de suas vivências e o modo como relacionou com a autora foram muito significativos para mim. (Aluna G)

Confesso que estou com dificuldades de escrever sobre tudo que estou lendo. Sempre aprendi com a fala dos professores em sala de aula e agora, só com as leituras, está sendo um enorme desafio. Mas, é ótimo termos este espaço, onde aprendemos umas com as outras, os relatos são enriquecedores e nos fazem refletir mais sobre as leituras teóricas (Aluna H)

Querida colega x! Adorei ler o relato que fizeste sobre tua experiência na X e reconhecer o quanto tuas práticas realmente possibilitaram aos educandos a manifestação de uma corporeidade reprimida, desacreditada. Como educadora de jovens e adultos, também busquei romper com esses estigmas e senti maior facilidade de fazer isso durante o meu trabalho no x, que não era um espaço institucional, embora a turma se reunisse em uma escola. (Aluna I)

A ocorrência da cooperação como método, tal qual proposta por Piaget (1973), evidenciou-se nas condutas dos alunos no curso, como, por exemplo, nos fóruns estudados observou-se que os atos comunicativos auxiliaram os dis-

centes a se apropriarem de pontos de vista de colegas, desencadeando reconhecimento e coordenação de diferentes posicionamentos. Além disto, as trocas intelectuais foram alterando-se no processo do curso, observando-se maior estreitamento de laços entre os cursistas, aprofundamento de teorias e relações cooperativas.

Para concluir, também me remeto ao questionamento da colega x: “Quais referenciais dei/dou aos meus alunos?” Nos textos de outros colegas há certas colocações que remetem a este questionamento, alguns fizeram esta reflexão. Eu também pensei e refleti que, mesmo não sabendo, eles estiveram ali e tiveram influência direta no meu trabalho, no conteúdo e desenvolvimento dele. (Aluna J)

Assim, pensa-se no que Piaget (1998) aponta como elementos para a lógica da reciprocidade, sendo necessário que os sujeitos efetuem a correção e superação dos seus pontos de vista, coordenando com os demais pontos de vista, ou como ilustrado no seguinte exemplo:

O curso propôs tarefas em grupo ou duplas e outras nos fóruns. Acredito que os fóruns são os ambientes mais adequados para trocas de experiências e aprendizagens, pois, com a leitura das postagens, novas ideias surgem e assim reconstruímos nosso pensamento. (Aluna K)

Salienta-se que o desenvolvimento do sujeito, entendido como um processo individual, é fundamental para a ocorrência do método de cooperação. O sujeito só conseguirá operar conjuntamente a partir de suas condições *a priori* de estabelecer relações, atuando com reciprocidade em processos interindividuais, possibilitando a cooperação. A atividade operatória interna e a cooperação exterior são, no sentido preciso dos termos, dois aspectos complementares de

um único conjunto, pois do equilíbrio de um depende o do outro. Assim, esta forma de equilíbrio não é considerada como resultante do pensamento individual, nem como exclusivamente produto social. Piaget refere que:

[...] se a lógica se atém às coordenações gerais da ação elas são tão interindividuais como interiores ao indivíduo: e, efetivamente, analisando as operações intervenientes nas trocas cognitivas, encontramos as mesmas que nas construções individuais, de tal maneira que as primeiras são fonte das segundas e reciprocamente, permanecendo as duas indissociáveis a partir das suas raízes biológicas comuns (PIAGET, 1970, p. 120).

Desta maneira, aponta-se para a indissociabilidade entre o sujeito individual e o social como elementos das trocas intelectuais. Docentes e discentes, cada qual com sua singularidade, formam um todo nesse contexto e, como condição para que ocorra o método de cooperação, é necessário que estas relações sejam equiparadas, ou seja, ocorram entre pares. Assim, sempre de uma forma progressiva, o método da cooperação pode ser construído nos processos de ensino e de aprendizagem, inclusive na modalidade a distância. O docente tem papel fundamental ao propiciar espaços que amparem as diversas formas de relativizar os pontos de vista, incentivando a coordenação desses pontos de vista, visando à construção da cooperação.

O docente permanece, assim, indispensável aos processos de ensino e de aprendizagem, mas agrega as funções de arquitetar “espaços e tempos” que sejam condizentes com os interesses dos seus discentes, e isso implica cooperação, no sentido estrito da palavra “co-operar”. Ou seja, neste caso, tal qual o curso pesquisado, parte-se da premissa de que os valores, os acordos e suas conservações precisam ser de responsabilidade de todos, não como condição dada, mas, sim, como parte do processo a ser construído.

O método de cooperação é condizente com a sociedade do conhecimento, na qual os desafios impostos pelas necessidades educacionais se pautam não somente em competências técnicas, mas na necessidade de valores. Gatti (2010) afirma que não se trata de ensinar às novas gerações o conhecimento que temos acumulado, mas que há uma urgência na consolidação de valores, princípios, éticas, cidadania, entre outros. De maneira similar, Belloni (1998) destaca a necessidade de uma educação na modalidade a distância estar pautada em uma filosofia que ordene e encaminhe para uma concepção educacional ligada a valores singulares e sociais. Salienta a autora que conceitos que levem à construção de valores sociais, como respeito, interatividade e autonomia, são destaques nesta nova ordem. Para Piaget, parte-se deste princípio:

[...] na vida social, como na vida individual, o pensamento procede da ação e uma sociedade é essencialmente um sistema de atividades, cujas interações elementares consistem, no sentido próprio, em ações se modificando umas às outras, segundo certas leis de organização ou equilíbrio [...]. É da análise dessas interações no comportamento mesmo que procede então a explicação das representações coletivas, ou interações modificando a consciência dos indivíduos (PIAGET, 1973, p.34).

A presença de coação e/ou egocentrismo – de ordem política, familiar ou educacional – impede o preenchimento das condições para que ocorra o equilíbrio ou a cooperação. Isso se deve a três fatores: (1) não existe uma escala de valores em comum (os sujeitos utilizam uma linguagem com sentidos e significados privados ou respondem a um discurso externo); (2) não existe conservação suficiente dos acordos estabelecidos, porque falta obrigação (os sujeitos esquecem o que contrataram, contradizendo-se, e a obrigatoriedade depende da autoridade); e (3) não existe reciprocidade regulada (cada qual considera o seu ponto de vista como único possível).

Refletindo dessa forma, entende-se que a cooperação, de acordo com

Piaget (1973), é um tipo de interação em que é necessário que os valores trocados estejam em equilíbrio, em que não haja opressão, coerção, abuso do outro. Nas palavras do autor:

É onde a cooperação implica um sistema de normas, diferindo da suposta livre troca cuja liberdade se torna ilusória pela ausência de tais normas. E é porque a verdadeira cooperação é tão frágil e tão rara no estado social dividido entre os interesses e as submissões, assim como a razão permanece tão frágil e tão rara em relação às ilusões subjetivas e ao peso das tradições (PIAGET, 1973, p. 111).

Frisamos que, para Piaget (1973), a cooperação tem um importante pressuposto na função social: conduz à autonomia, não somente a cognitiva, como também a moral. O produto da cooperação advindo desse método é a “autonomia” e compreende o respeito mútuo, que é o ponto de partida da cooperação.

Neste sentido, a reflexão sobre a prática pedagógica de um curso na modalidade a distância e a proposta do “método de cooperação” tornam-se atuais e pertinentes à sociedade do conhecimento. Os novos espaços virtuais, hoje, propiciam novas formas de nos relacionarmos uns com os outros, inclusive no âmbito da aprendizagem. O ciberespaço, conforme Lemos (2002), reúne, integra e redimensiona uma infinidade de mídias e diversas interfaces que possibilitam comunicações, caracterizando a sociedade atual como conectada e em rede. O autor considera a rede como a palavra-chave do ciberespaço, tal qual o hipertexto mundial interativo, no qual se pode adicionar, tirar, modificar, equiparando-o a um texto vivo, um organismo que se auto-organiza. A necessidade de compreensão do como essas redes funcionam, quais são seus fluxos e como os sujeitos podem cooperar com elas torna-se fundamental na sociedade do conhecimento.

O que queremos realçar é que a cooperação necessita, antes de qualquer coisa, de um espaço (quer “físico”, quer “virtual”) para que ela ocorra. Se o ambiente virtual de aprendizagem for configurado de forma tal que não permita possibilidades de trocas entre os integrantes, não há como construir

conhecimento nesse ambiente, nem como auxiliar o discente no seu desenvolvimento integral. O ambiente virtual também propicia, nesse sentido, através da disjunção tempo-espaco, deslocamentos, reestruturações, escritas e reescritas de indivíduos e interações entre os mesmos, através de contribuições singulares e coletivas. Estas organizações e reorganizações, que são impostas pelas contribuições dos integrantes, impõem uma nova adaptação do sujeito ao contexto, pois cada novo dado desacomoda e requer uma nova acomodação e, conseqüentemente, uma nova construção.

Para a ocorrência do método de cooperação na modalidade de ensino a distância, entende-se como necessário ao processo um ambiente composto de espaços que sustentem a possibilidade de trocas intelectuais e o uso de diversas tecnologias que ofereçam as condições de execução do processo. Esses são fatores que alicerçam a cooperação na modalidade a distância; alia-se a esta concepção epistemológica dos docentes e dos discentes. A conjunção desses fatores implica a prática pedagógica que norteia a educação hoje. A prática fundamentada em uma concepção epistemológica construtivista permitirá a construção do método de cooperação e ajudará a evitar que se tenha expectativa de se ter, *a priori*, um discente autônomo. O docente, desta maneira, conduzirá o processo, priorizando o método da cooperação. Ou, como refere Piaget (1998): “Se o objetivo da educação é formar seres autônomos, então o ensino baseado na transmissão oral e na autoridade deve ser abolido” (p. 12).

Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) fornecem lugares nos quais podemos reformular relações, diversificar espaços de construção de conhecimentos e interações, possibilitando novas formas de dialogar. A sala de aula ampliada pelos constantes acessos a diversos mundos instantaneamente agrega distintas pessoas, credos, culturas, etnias, etc., rompendo barreiras. Assim, os sujeitos se encontram no mesmo “espaço e tempo” e, imbuídos do mesmo objetivo de aprender através da cooperação e do respeito mútuo, podem construir a autonomia. Nesses termos, reforçamos a necessidade de superação de práticas individualistas e competitivas para práticas sociais e cooperativas no contexto educacional e na sociedade contemporânea.

ANDRÉ, Marli Elisa D. A. Cotidiano escolar e práticas sócio-pedagógicas. *Em aberto*, Brasília, ano 11, n. 53, p. 29-38, jan./mar. 1992.

BECKER, Fernando. *Educação e construção do conhecimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

BELLONI, Maria Luiza. Educação a Distância mais aprendizagem aberta. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 21, 1998, Caxambu. *Anais...*, 1998.

BOSSA, Nádya A. *A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CAMARGO, Liseane Silveira; BECKER, Maria Luiza Rheingantz. O percurso do conceito de cooperação na Epistemologia Genética. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 527-549, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/17341/19402>>. Acesso em: 3 ago. de 2015.

CAMPOS, Fernanda C. A.; SANTORO, Flávia Maria; BORGES, Marcos R. S.; SANTOS, Neide. *Cooperação e aprendizagem on-line*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CORBELLINI, Silvana. Cooperação: uma alavanca no processo de ensino-aprendizagem na Educação a Distância. *Novas Tecnologias na Educação*, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 17-27, dez. 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/renote/article/view/25109>>. Acesso em: 3 ago. de 2015.

_____. *A cooperação intelectual entre os discentes: um método em ação*. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/115950/000965136.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 3 ago. de 2015.

CORTE REAL, Luciane Magalhães; CORBELLINI, Silvana. *Café & Cia: uma*

proposta de espaço de interações informais em EAD. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMPUTAÇÃO, 28, 2008, Belém do Pará. *Anais...*, 2008, p. 406-409.

GATTI, Bernardete A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/16.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2014.

LEMOS, André. *Cultura das redes: ciberensaios para o século XXI*. Salvador: EDUFBA, 2002.

PARRAT, Silvia; TRYPHON, Anastasia (Orgs.). *Jean Piaget: sobre a pedagogia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

PIAGET, Jean. *Problemas gerais da investigação interdisciplinar e mecanismos comuns*. Lisboa: Bertrand, 1973a.

_____. *Estudos sociológicos*. São Paulo: Forense, 1973b.

_____. *A equilibração das estruturas cognitivas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

_____. *O julgamento moral na criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.